

O desafio do presidente Sarney

A reunião no gabinete do presidente Sarney de uma hora e vinte minutos na tarde de ontem com uma comissão de cinco governadores foi dura e o governo manteve sua proposta para a rolagem das dívidas dos estados. O presidente abriu a discussão com uma cobrança direta aos governadores, querendo saber qual deles, quando ganhou a eleição no auge do Plano Cruzado, "bateu no peito para dizer que tinha tido grande ajuda do governo federal".

Sarney ainda comentou que agora está sendo muito citado como culpado pela derrota de governadores e do PMDB nas eleições municipais, dizendo aceitar sua parcela de responsabilidade, "mas vocês também não podem fugir da sua". Um dos governadores presentes contou que houve certa perplexidade e que a conversa foi difícil, com o presidente "não demonstrando nenhuma receptividade" à contraproposta apresentada de rolar toda a dívida interna dos estados e apenas a dívida externa que vence em 1989.

Sarney também demonstrou a necessidade de o problema ser levado ao Congresso e de trazer a classe

política para a discussão. O porta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique Santos, já tinha combinado com a comissão formada pelos governadores Newton Cardoso, Moreira Franco, Geraldo Mello, Henrique Santillo e Marcelo Miranda, que um deles falaria com os jornalistas na saída.

Mas como a reunião terminou em impasse, os cinco conversaram por dez minutos na sala ao lado, preferindo ir direto para a casa do deputado Ulysses Guimarães, onde os outros governadores aguardavam uma resposta. "É melhor não falar agora", decidiram e saíram quase correndo do Palácio do Planalto, fugindo da imprensa.

No governo assessores comentavam que a proposta diferenciada para a rolagem da dívida, que prejudica os estados mais ricos e devedores como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia, dividindo as posições, não partiu da área econômica, mas do próprio Planalto. Um assessor lembrou que na gestão de Dilson Funaro no Ministério da Fazenda, já tinha surgido a ideia de uma proposta diferenciada, "pois se São

Paulo deve mais e tem de pagar mais, comprometendo a metade da arrecadação, um estado pobre como o Piauí pagará menos, mas proporcionalmente o impacto será maior no orçamento estadual".

A noite o presidente Sarney dizia à imprensa que o problema não é concordar ou discordar da proposta dos governadores, "mas estar ciente que este é um problema de interesse nacional". O repórter Amauri Teixeira relata ainda que Sarney explicou que o assunto foi tratado "com a gravidade que tem e com alto espírito público", e que deve ter uma solução até a votação do orçamento pelo Congresso.

Nos gabinetes Civil e Militar e na Consultoria Geral da República, havia ontem satisfação pela proposta do governo porque ela pune principalmente governadores que receberam muitas vantagens do Planalto, como Quêrcia, Newton Cardoso e Moreira Franco, "e que depois viraram as costas para Sarney". Com a derrota deles nas urnas o presidente se sentiu à vontade e forte para enfrentá-los, "mesmo porque a hora é de negociar e ninguém vai querer inviabilizar a fu-

tura sucessão presidencial", comentou um ministro "da casa".

Foi lembrado também que logo depois da eleição de 1986 quando o Plano Cruzado já naufragava, Sarney reuniu no Alvorada todos os governadores do PMDB por iniciativa de Quêrcia e Cardoso, para dar solidariedade ao presidente, "o que logo foi esquecido". O governo também contabiliza liberação de verbas, concessões de rádio e TV e outras vantagens dadas aos governadores do Rio, São Paulo e Minas, além da arremetida de Quêrcia pouco antes da eleição em São Paulo, forçando o governo ao fiasco da chamada operação de caça ao boi gordo. O Planalto quer cobrar todas essas dívidas agora.

Sarney também não esqueceu a pressão do PMDB de Ulysses e Quêrcia contra sua pretensão de nomear Tasso Jerissatti ministro da Fazenda, sendo lembrada ainda nos corredores do Palácio a força "chegando quase à chantagem", segundo um assessor presidencial, empregada por Quêrcia para nomear ministro Ralph Biasi e de Newton Cardoso por Leopoldo Bessone.